

RESENHAS

TEOLOGIA

RATZINGER, Cardinal Joseph, **La communion de foi. Croire et célébrer**, Rev. «Communio» / Éditions Parole et Silence (www.paroleetsilence.fr), Paris, 2008, 256 p., 235 x 150, ISBN 978-2-84573-731-0.

Em iniciativa conjunta, a revista *Communio* e as Éditions Parole et Silence estão a editar uma selecção de artigos publicados pelo teólogo Joseph Ratzinger naquela revista inspirada por altura do Concílio por Hans Urs Von Balthasar, de que o teólogo alemão foi um dos fundadores e que hoje se publica em diversas línguas e países. À presente colectânea – «Croire et célébrer» – prevê-se que se siga uma outra, sob o (sub) título «Discerner et agir». Se a segunda terá como fundo comum o pensamento de Ratzinger sobre a relação e acção do cristão em face do mundo, esta primeira recolhe artigos que incidem sobre a vida interna da Igreja, com destaque para a liturgia. Nos dois casos trata-se de trinta artigos que representam os trinta anos de tensões, desvios e preocupações, enfim, desafios à Igreja na aplicação do Concílio Vaticano II. Ratzinger, como teólogo, que não (aqui) como Prefeito de Congregação para a Doutrina da Fé, mantém firme a atitude de vigilância de um pensamento que procura o que deve ser considerado

justo: seja nos fundamentos da fé, no sentido da liturgia e dos sacramentos, na relação com o mundo, ou no cuidado com a transcendência. A liturgia – é coisa assente para ele – é algo recebido da tradição e da qual, em qualquer caso, não somos nem donos nem inventores, sem que também tenhamos de ser escravos.

As reflexões que aqui se coligem revelam a habitual fundamentação, profundidade e percepção dos problemas e das suas nuances, versados não raro em perspectiva pluridisciplinar. Dificilmente poderemos ler, p. ex., reflexões ao mesmo tempo tão densas de conteúdo e tão cheias de beleza como as que escreveu – e que aqui se reeditam – sobre coisas como «A festa e a alegria», «Problemas teológicos da música religiosa», «Liturgia e música de Igreja». Em face de persistentes desorientações, empobrecimentos e abusos neste capítulo da música litúrgica, seria bem útil a leitura ou releitura destes textos (sem prejuízo nem desconsideração para os demais).

JORGE COUTINHO

KEHL, Medard, «**Et Dieu vit que cela était bon**». **Une théologie de la création**, avec la collaboration de Hans-Dieter MUTSCHLER et Michael SIEVERNICH, «Cogitatio fidei», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2008, 576 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-08579-3.

Tradução do original alemão *Und Got sah, dass es gut war. Eine Theologie der Schöpfung* (Herder, Freiburg im Bressgau, 2006), este livro resulta do ensino do autor, durante muitos anos, na Faculdade de Teologia de Sankt Georgen (Frankfurt am Main). Sendo em primeiro plano um manual para uso de estudantes, abre-se a todos quantos desejem aprofundar o fascinante tema da criação.

M. Kehl começa por uma longa introdução, na qual, além de outras coisas, procura, à partida, identificar alguns desafios actuais à teologia da criação, designadamente provenientes das doutrinas evolucionistas; clarifica, em seguida, os conceitos essenciais com que irá lidar: «criar», «do nada», «no princípio», «ex amore», etc.; apresenta e explora vários símbolos a partir dos quais a ideia de criação do mundo pode assumir uma mais fácil e mais rica compreensão: símbolos (analogias?) tirados da natureza, da arte, do mundo social, da experiência das relações pessoais.

O texto distribui-se depois por cinco partes. Através delas o autor propõe um grande percurso, iniciando o seu ensaio na base da fé na criação tal como resulta expressa na liturgia da Vigília Pascal, no Credo e na IV Oração Eucarística, concluindo com pertinentes considerações sobre a fé na criação em vários contextos da vida do mundo: procura da bênção de Deus; interesse renovado pelos anjos... (primeira parte).

Remonta depois aos fundamentos bíblicos, onde a bênção da criação aparece contaminada pela realidade do pecado, mas também onde Cristo aparece como renovador, esperança e acabamento da criação (segunda parte).

Examina quatro «sondagens» históricas que mostram como foi vivida, em sua identidade inalterada, a fé na criação

por quatro grandes teólogos em quatro diferentes conjunturas da história: Ireneu de Lyon e o seu confronto com a gnose; Agostinho e a recepção cristã da filosofia neoplatónica; Tomás de Aquino ou o diálogo entre a fé e a razão e o serviço da filosofia à teologia; Romano Guardini e as questões levantadas pela modernidade (terceira parte).

A quarta parte é dedicada a uma série de questões fundamentais da fé na criação: Deus transcendente e imanente ao mundo; o agir de Deus no mundo (acção pessoal; acção através da ordem que inscreveu no mundo; acção pela sua presença operante); o teste da oração de súplica e da oração de intercessão; como conjugar criação de um Deus bom e o sofrimento no mundo, ou o problema da teodiceia, particularmente agudo na modernidade racionalista, e os contributos positivos da teologia da criação, da escatologia e da cristologia; a criação boa e o poder do pecado: considerações sobre a doutrina do pecado original (capítulo tratado por M. Sievernich), com um excursus «para compreender o discurso teológico relativo ao ‘demónio’».

Finalmente, na quinta parte são enfrentadas algumas provas dirigidas à doutrina da criação, vindas de fora do discurso teológico. A começar pelas provenientes das ciências da natureza (assunto versado por H.-D. Mutschler), onde se consideram coisas como relação entre teologia e ciências naturais, possibilidade de metafísica, contingências da natureza, acaso e finalidade, o fenómeno da vida... Outro desafio é o que se refere à problemática ecológica, aduzindo o autor o contributo da fé na criação para uma ética ecológica. Outra questão é a das convergências e divergências entre a fé cristã e a fé islâmica na criação. Aí (do lado do islão) se apontam como essenciais diferenças a radicalização da transcendência divina, o agir de Deus

sem mediação de causas segundas e a absoluta predestinação, a par com a misericórdia de Deus acima do sofrimento dos homens.

Uma extensíssima bibliografia (pp. 525-553) e um índice de referências bíblicas completam o volume.

Resultado de longos anos de investigação, reflexão e ensino, estamos perante um texto de mérito, a vários títulos: pela originalidade da organização geral, pela atenção aos grandes mestres na teologia da criação e à sua compreensão no respectivo contexto histórico em que a pensaram e expuseram, pela atenção ao contexto presente da história, pela procura de respostas a questões que parecem mexer com a tese da criação, mormente por parte da ciência moderna, enfim, pela clareza geral da linguagem com que se exprime.

LUÍS SALGADO

LEFEBVRE, Philippe – MONTALEMBERT, Viviane de, **Un homme, une femme et Dieu. Pour une théologie biblique de l'identité sexuée**, coll. «Épiphanie», Les Éditions du Cerf, www.editionsducerf.fr, Paris, 2007, 468 p., 195 x 135, ISBN: 2-204-07463-6, ISSN 0750-1862.

O autor é dominicano, professor de Antigo Testamento na universidade de Friburgo. A autora é casada e mãe de quatro filhos. Conhecimento da Bíblia e experiência da vida, bem como masculino e feminino, conjugam-se na escrita deste livro em que se exploram as questões postas pela identidade humana sexuada. Na sua análise, não bastam porém homem e mulher para se entenderem na sua identidade diferenciada. É preciso um terceiro, e esse é Deus: homem e mulher diante de

Deus, como colaboradores seus na obra da Encarnação. É assim que se depreende da Bíblia, que arranca a identidade sexuada ao universo demasiado estreito das caracterizações biológicas, psicológicas ou socioculturais, para a enraizar no terreno muito mais misterioso de um destino pessoal. É assim que à experiência de homem e de mulher os autores consideram indispensável acrescentar a escuta do que Deus diz a propósito.

Para o mostrar e ilustrar, o livro interpreta e explora numerosos casos, narrativas, personagens e referências bíblicas: Judite, Ester, a mulher de valor, David e Jónatas, Maria e Isabel, David e Abigail, Abraão e Sara, Elias e a viúva, Jacob e Raquel, a Samaritana, a mulher adúltera, Maria e Marta, Madalena... Algumas narrativas, por vezes controversas, são objecto de um comentário novo e pessoal, enriquecido pela sua leitura conjunta. É o caso das narrativas da criação, do sacrifício de Isaac, do Cântico dos Cânticos, do encontro de Jesus com a Samaritana; e também a Carta de S. Paulo aos Efésios.

O discurso global obedece a um fio lógico, que define o itinerário de um homem e uma mulher a evoluírem na companhia de Deus. Solitários, procuram uma identidade que não sabem auto-atribuir-se nem a recebem da sociedade (primeira parte); ela evoluirá numa afirmação de si resultante de um longo e laborioso companheirismo com o Espírito (segunda parte), em que há a considerar várias etapas do seu encontro (terceira parte), um encontro que se desdobra no mistério das Núpcias (quarta parte). A quinta parte acabará por definir as identidades de homem e de mulher no mistério paradoxal de Esposo e Esposa para o qual cada um é convidado; as palavras adquirem aqui um sentido novo.

Num tempo e no seio de uma cultura em que homem e mulher andam tantas